

Parque na escola: uso(s) de materiais alternativos e ações coletivas para a educação infantil

Priscila Lopes¹, Juliana Nogueira Pontes Nobre², Claudia Mara Niquini³

Resumo

Este trabalho almeja relatar ações de um projeto de extensão desenvolvido em uma escola pública de educação infantil no município de Diamantina, Minas Gerais. Tendo em vista a importância do brincar no espaço formal de educação, o presente trabalho enquadra-se como um relato de experiência sobre a construção de um parque de pneus em espaços subutilizados de uma escola específica, resultado de um projeto de extensão universitária. Entendemos que ações extensionistas são de suma importância para a sociedade, em especial, para a escola básica. A partir de pneus, madeiras, cordas, entre outros materiais, o parquinho da/na escola emergiu, sendo utilizado no tempo disponível para atividades livres das crianças e em práticas pedagógicas intencionalmente organizadas, como, por exemplo, em práticas pedagógicas vinculadas à manifestação corporal da ginástica. Ainda registramos que o projeto favoreceu ações coletivas e de pertencimento dos membros da comunidade escolar, no qual, a partir do envolvimento e participação dos pais, gestores e crianças, o ambiente escolar tornou-se mais agradável e lúdico, propiciando proposições que estimulam e favorecem o movimento dos escolares.

Palavras-chaves

Extensão universitária. Educação infantil. Parque de pneus.

¹ Doutoranda em Educação Física na Universidade de São Paulo, Brasil; professora titular do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, *Campus JK*, Minas Gerais, Brasil; líder do Grupo de Estudos e Práticas das Ginásticas (GEPG); coordenadora do Grupo de Ginástica de Diamantina (GGD). E-mail: priscalopes@usp.br.

² Doutoranda em Ciências Fisiológicas na Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, Brasil; integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ginástica (GEPG); integrante e colaboradora do Grupo Ginástica de Diamantina (GGD). E-mail: junobre2007@yahoo.com.br.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; professora adjunta do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, Brasil; líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ginástica (GEPG); integrante e subcoordenadora do Grupo de Ginástica de Diamantina (GGD). E-mail: cauniquini@gmail.com.

Playground in school: usage of alternative materials and collective actions for Preschool education

Priscila Lopes⁴, Juliana Nogueira Pontes Nobre⁵, Claudia Mara Niquini⁶

Abstract

This work aims to relate actions of an extension project developed in a public Preschool in the city of Diamantina, State of Minas Gerais, Brazil. Looking into the perspective of the importance of playing in the formal space of education, this work fits as a report of the experience about the construction of a playground with tires in a site lacking real function of school, resulting from a college extension project. We understand that this kind of action is really important to the society, especially, to Preschool. From tires, wood, ropes, and other materials, the school playground emerged, being used in the available time for the children free-time activities and in pedagogical practices linked to body manifestation of gymnastics. We still registered that such project favored collective actions and the members of the community feel of belonging somewhere, in which, thanks to the parents, the managers and the children participation, the school environment became more enjoyable and playful, favoring propositions that stimulate and support scholars' motion.

Keywords

University Extension. Children education. Playground of tires.

⁴ PhD student in Physical Education, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; professor at the Department of Physical Education, Federal University of Vale do Jequitinhonha and Mucuri, Campus JK, State of Minas Gerais, Brazil; leader of the Gymnastics Study and Practice Group (GEPG); coordinator of the Diamantina Gymnastics Group (GGD). E-mail: priscalopes@usp.br.

⁵ PhD student in Physiological Sciences, Federal University of Vale do Jequitinhonha and Mucuri, State of Minas Gerais, Brazil; member of the Group for Studies and Research in Gymnastics (GEPG); member and collaborator of the Grupo Ginástica de Diamantina (GGD). E-mail: junobre2007@yahoo.com.br.

⁶ PhD in Education from the Federal University of Minas Gerais, Brazil; adjunct professor at the Department of Physical Education at the Federal University of Vale do Jequitinhonha and Mucuri, Minas Gerais, Brazil; leader of the Group for Studies and Research in Gymnastics (GEPG); member and sub-coordinator of the Diamantina Gymnastics Group (GGD).E-mail: cauniquini@gmail.com.

Introdução

Entendemos a extensão universitária como processos que possibilitam a comunicação entre os saberes científico e popular. Ela ocorre por meio da interação com a sociedade, possibilitando também a materialização dos conhecimentos já produzidos (ensino), por meio da intervenção na realidade, e fornecem referências para a produção do saber (pesquisa), por meio de problemas reais vivenciados na sociedade (DALCIN; AUGUSTI, 2016; ALMEIDA, 2015). Não está à parte do ensino e da pesquisa, mas influencia ambos inter cruzando conhecimentos e saberes da universidade e da sociedade (GADOTTI, 2017).

Defendemos uma extensão universitária desenvolvida por meio de um processo educativo, científico, interdisciplinar, dialógico, crítico, reflexivo, transformador e emancipatório, longe do modelo assistencialista que, historicamente, propõe uma ação que parte da universidade em levar um conhecimento superior (e melhor) para outro lugar (que não a universidade) onde as pessoas possuem um conhecimento inferior (não qualificado), o qual necessita ser normalizado, adequado ao ideal, para torná-lo semelhante ao conhecimento acadêmico (FREIRE, 1985).

Santos (2008) e Freire (1985) criticam a possibilidade de invasão cultural quando a extensão universitária reduz os extensionistas a meros objetos de sua ação com atitudes imperialistas e dominadoras. Atividades extensionistas que desconsideram os interesses da sociedade e subestimam os saberes populares, desenvolvidas de forma utilitária para a academia, impondo aos sujeitos os conhecimentos científicos sem nenhuma contextualização, são ações que se distanciam da proposta de transformação da realidade.

Corroboramos Benincá e Campos (2017) que acreditam na proposta de uma extensão popular, a qual, de forma integrativa e democrática, busca superar as desigualdades por meio de conexões que permitam traçar novos caminhos que colaborem para a emancipação dos sujeitos num ambiente de solidariedade e cooperação.

Em realidades universitárias em que a situação socioeconômica, sociopolítica, sociocultural e ambiental da região requer desafios urgentes e diversos, a extensão pode se apresentar como uma importante ferramenta a partir das demandas da sociedade e de fazeres conjuntos, envolver estudantes e docentes na busca de solução de problemas identificados por meio de um constante processo de “ensino-aprendizagem-ação” (BENINCÁ; CAMPOS, 2017, p. 154).

Tal concepção sobre a extensão universitária inspirou o Grupo de Estudos e Práticas das Ginásticas (GEPG-CNPq/UFVJM) do Departamento de Educação Física da Universidade

Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) a desenvolver o projeto de extensão “Pipocando na educação infantil: possibilidades lúdicas das atividades gímnicas”, iniciado no ano de 2018, sobre o qual discorreremos neste texto.

O projeto foi registrado na Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFVJM (nº 316644.1753.312106.19112018) e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM (parecer 2.850.668).

A concepção do projeto

A ideia de abordar a ginástica no contexto da educação infantil (EI) surgiu a partir dos relatos dos estágios supervisionados do curso de licenciatura de Educação Física (EF) da UFVJM, neste segmento de ensino. Na interação com a sociedade, por meio de ações desenvolvidas nas escolas da cidade de Diamantina, Minas Gerais, os acadêmicos apresentavam angústias em relação à escassez de atividades que estimulassem o movimento na EI e a ausência de espaços apropriados que favorecessem o brincar e a movimentação corporal das crianças pequenas de forma espontânea.

Vemos a infância como um momento propício para o desenvolvimento da criança. Trata-se de um período marcado por constantes modificações, em que as vivências corporais devem permear as relações da criança com o mundo. Entre outras, as experimentações corporais constituem o repertório no campo do movimento e do corpo, ressaltando que na infância o corpo assume a principal forma de expressão e comunicação com o mundo (BASEI, 2008).

Tendo em vista os espaços formais de educação, a instituição escolar deve garantir que o processo pedagógico ocorra de forma intencional com aprendizagem de conteúdos culturalmente produzidos pela humanidade com foco no desenvolvimento de algumas capacidades como brincar, expressão de emoções e pensamentos, conhecimento e utilização das diferentes linguagens corporais (BASEI, 2008).

A EF, enquanto componente curricular da/na educação básica, deve contribuir para a formação de sujeitos autônomos e criativos, e favorecer, entre outras perspectivas, a dimensão dialógica do movimento (TREBELS, 2003). Essa concepção dialógica, desenvolvida por Trebels (2003), é uma abordagem diferenciada do movimento enquanto um diálogo sujeito-mundo. Esse conceito foi desenvolvido por Kunz (1991) no “se-movimentar” humano, enfocando o sujeito do movimento e não o movimento do sujeito como frequentemente é compreendido na abordagem biomecânica do movimento humano.

Dito isso, ressaltamos a importância do movimento na EI, estimulado de forma lúdica, contrapondo às atividades que limitam as crianças a ficarem quietas, com os corpos presos às carteiras, enfileiradas, sentadas, com predomínio de atividades pedagógicas cujas regras, deveres da escola e transmissão de conhecimentos de sobrepõem as experiências corporais (SURDI; MELO; KUNZ, 2016).

O fato é que muitas escolas não dispõem, em sua estrutura física, de espaços que propiciem as experimentações corporais e vivências motoras, ficando as crianças restritas ao espaço da sala de aula. Somado a esse contexto, está a não obrigatoriedade do professor de EF na EI, na perspectiva de que a educação dessa faixa etária é um constructo global, no qual as disciplinas/conteúdos/diretrizes são desenvolvidas pelo professor regente (BRASIL, 2017) que não tem formação específica para uma abordagem do movimento. Isso significa que poucas são as oportunidades de atividades relacionadas à EF na EI (AYUOB, 2005).

Diante de tal situação, o GEPG iniciou um diálogo com o Centro Municipal de Educação Infantil Bom Jesus (CMEI Bom Jesus), o qual foi selecionado para concretização do projeto por estar localizado na região central da cidade de Diamantina e ser um campo de estágio dos licenciandos em EF.

Primeiramente, foi realizado um diálogo com a direção da escola no intuito de compreender a realidade das condições estruturais e objetivas da instituição, com a perspectiva de possibilitar o desenvolvimento de atividades de movimentação corporal dos escolares. Naquele momento, a escola atendia cerca de 240 alunos entre seis meses e cinco anos de idade e possuía uma quadra poliesportiva com marcações oficiais para a prática de esportes coletivos.

No entanto, o esporte não é a prática corporal mais apropriada para a faixa etária das crianças pequenas. Estudos apontam a necessidade do desenvolvimento das competências pretendidas na EI de forma contextualizada (significativa para a criança pequena) e interdisciplinar (integrando diversas áreas do conhecimento) e evidenciam a importância do brincar para estimular o “se-movimentar” nessa etapa da educação (FÁTIMA; SILVA; LOPES *et al.*, 2015; SOARES; PRODÓCIMO; MARCO, 2016; SURDI; MELO; KUNZ, 2016; TONIETTO; GARANHANI, 2017; VIEIRA; ALTMAN, 2016).

Entendemos que o brincar é a forma específica da criança se comunicar, se colocar e se constituir com elementos da cultura infantil (TONIETTO; GARANHANI, 2017; VIEIRA; ALTMAN, 2016) por meio das diferentes linguagens como a oralidade, os desenhos, os gestos e a movimentação do corpo (TONIETTO; GARANHANI, 2017).

Verificamos também, que, assim como outras instituições de EI em Diamantina, a escola não possuía um parque infantil e que as crianças eram levadas para a quadra poliesportiva em determinados momentos da rotina escolar e ficavam livres para explorar os espaços sem nenhuma atividade direcionada.

Esse primeiro levantamento inspirou a equipe do GEPG a pensar em formas de estimular o movimento na EI.

A Ginástica foi a manifestação da cultura corporal selecionada para fundamentar o projeto por se tratar do principal campo de estudos e atuação do grupo. Além disso, acreditamos que a Ginástica Para Todos (GPT), uma vertente do amplo universo gímnico, seja apropriada para a EI, uma vez que é direcionada para a ludicidade, a liberdade de expressão, a criatividade, dentre outros elementos que contribuem para o desenvolvimento global da criança, tais como a inexistência de regras rígidas previamente estabelecidas, a abertura para o divertimento, o prazer e a participação irrestrita (AYOUB, 2003).

No que se refere ao movimento gímnico, a literatura aponta padrões básicos de movimento (movimentos estacionários em apoios, equilíbrios e suspensões; saltos; aterrissagens; deslocamentos; rotações; balanços) que devem ser explorados de diferentes formas (eixos, planos, direções, variando a utilização das mãos, dos pés, de ambos, rastejando, de forma individual, com o colega, em equipamentos etc.), permitindo à criança vivenciar diversas ações, tais como agir, repetir, associar, imitar, criar, mostrar, perceber, dominar, expressar, ajudar, dentre outras (LEGUET, 1987; RUSSEL, 2010).

Também corroboramos autores que defendem que os movimentos gímnicos podem (e devem) ser vividos e experimentados tanto em atividades direcionadas, quanto em espaços de lazer e recreação das crianças e jovens, em qualquer faixa etária e nível de ensino (AYOUB, 2003; COSTA *et al.*, 2016; DARIDO; SANCHEZ NETO, 2005; LOPES, 2015; LOPES *et al.*, 2015; LOPES; NOBRE; NIQUINI, 2019; MARCASSA, 2004; NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012a; NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012b; NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012c; NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012d; OLIVEIRA; LOPES; NOBRE, 2019; PIZANI; RINALDI, 2010; SANTOS *et al.*, 2018; SERON *et al.*, 2007; SOUZA, 1997).

Para a EI, os saberes da EF, quando desenvolvidos de forma lúdica, permitem que as crianças descubram novas formas de se movimentar por meio da fantasia e do real (TONIETTO; GARANHANI, 2017).

Desta forma, à direção da escola, foi proposta a construção de um parque infantil, utilizando materiais alternativos, com estruturas (brinquedos) que possibilitassem às crianças explorar movimentos gímnicos básicos por meio do brincar (de forma espontânea ou

dirigida). A ideia era que o parque envolvesse toda a comunidade escolar (direção, professores, pais e responsáveis pelos alunos), buscando uma aproximação da família com a instituição, no intuito de favorecer o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade para com os espaços públicos.

O desenvolvimento do projeto

A partir do aceite da direção da escola, demos início ao desenvolvimento do projeto, executado durante um ano (de abril de 2018 a março de 2019); sendo, a partir deste relato, considerado uma ação exitosa e coletiva, aspecto fundamental nas projeções entre escola básica e Universidade.

Inicialmente, convocamos a comunidade escolar para participar de uma reunião com o intuito de apresentar o projeto e convidá-la a participar do seu desenvolvimento. Com uma presença considerável dos responsáveis (200 presentes, aproximadamente), a proposta foi acolhida e já nesse encontro foram definidas três comissões: Tesouraria, Planejamento, Arrecadação de doação e compras, Construção.

A Comissão de Tesouraria foi responsável por estruturar a forma de arrecadação de verba para viabilizar a construção do parque (compra de materiais). Em reunião presencial com a participação de 11 pessoas (uma representante da UFVJM; duas profissionais da escola; 8 responsáveis pelos alunos), foram criados os seguintes dispositivos: Livro de ouro (caderno contendo a descrição do projeto com o objetivo de arrecadar doações); solicitação de doações de materiais para serem rifados; solicitação de apoio de lojistas da cidade que poderiam doar materiais para a construção do parque ou fornecer descontos na compra; bazar de roupas usadas. Toda a comunidade se envolveu nas ações determinadas atuando de diferentes maneiras, tais como: vendendo e comprando os números das rifas, circulando com o Livro de ouro entre amigos e familiares etc., totalizando a receita de aproximadamente R\$ 4.200,00 recolhidos.

A Comissão de Planejamento se responsabilizou pelo delineamento das estruturas do parque (escolha do local onde seria o parque, definição dos brinquedos, *layout* etc.). O primeiro passo foi feito pela equipe do GEPG, que selecionou alguns exemplos de brinquedos construídos com a utilização de pneus usados, disponíveis na Internet (imagens e vídeos). O critério de seleção das estruturas foi a possibilidade de executar o conjunto de padrões básicos de movimentos gímnicos. Para tanto, o GEPG se baseou em experiências anteriores com a confecção de materiais alternativos para o trato da ginástica na escola (MACEDO; GOMES;

LOPES, 2012; LOPES; PIRES, 2012) e na literatura sobre a biomecânica dos movimentos gímnicos (RUSSEL, 2010).

Com alguns exemplos em mãos, a equipe se reuniu presencialmente com o grupo da Comissão de Planejamento (duas representantes da UFVJM; três profissionais da escola; 10 responsáveis pelos alunos) para definir quais estruturas seriam possíveis de serem construídas. A convite de um dos membros da Comissão, um funcionário do Instituto Estadual de Floresta de Minas Gerais auxiliou nesse processo por possuir experiência com materiais feitos de pneus reciclados, participando também da Comissão de Construção, posteriormente.

Definido o projeto de construção do parque, a Comissão de Arrecadação de doação e compras visitou diferentes borracharias da cidade em busca de doações, conseguindo a quantidade necessária para produção das estruturas. Também comprou o material necessário com os descontos combinados pela Comissão de Tesouraria. Essa comissão foi constituída por uma representante da UFVJM, uma profissional da escola e dois responsáveis pelos alunos.

Entregues os materiais, a Comissão de Construção iniciou a obra no mês de junho de 2018, a qual ocorreu em duas etapas: 1) Construção das estruturas (brinquedos); 2) Acabamento. Inicialmente, essa Comissão havia definido que convidaria toda a comunidade escolar para participar da construção do parque, constituindo um grande mutirão realizado durante uma semana (de segunda-feira a sábado, nos turnos da manhã e tarde). No entanto, apenas 10 pessoas da comunidade escolar (pais, mães e demais responsáveis pelas crianças) compareceram para auxiliar. Ao perceberem que o trabalho era pesado (cavar, cortar e enterrar pneus, parafusar etc.), muitos não voltavam no dia seguinte. Dessa forma, para finalizar a primeira etapa, o GEPG contou com o auxílio de um funcionário (ajudante geral) cedido pela prefeitura, a ajuda voluntária de alunos e ex-alunos da UFVJM e comunidade externa (grupo de jovens de instituições religiosas, amigos dos estudantes e professores envolvidos) convidados a participarem como parceiros do projeto.

Diante das dificuldades encontradas na primeira etapa de construção, em reunião com a direção da escola, o GEPG decidiu contratar ajudantes de obra para a segunda etapa, os quais foram pagos com o dinheiro arrecadado pela comunidade escolar.

No mês de março de 2019, iniciamos a segunda etapa de construção destinada aos arremates finais no parque, tais como pintura dos brinquedos, acabamentos (colocação de telhado na casinha do escorregador, fixação das cabeças dos animais etc.) e acertos de segurança (colocação de telas de proteção, limpeza do espaço etc.).

O interstício entre as etapas aconteceu em razão da espera por um profissional qualificado na segurança, vinculado à prefeitura de Diamantina, responsável pela liberação para a utilização do parque, seguindo recomendações técnicas.

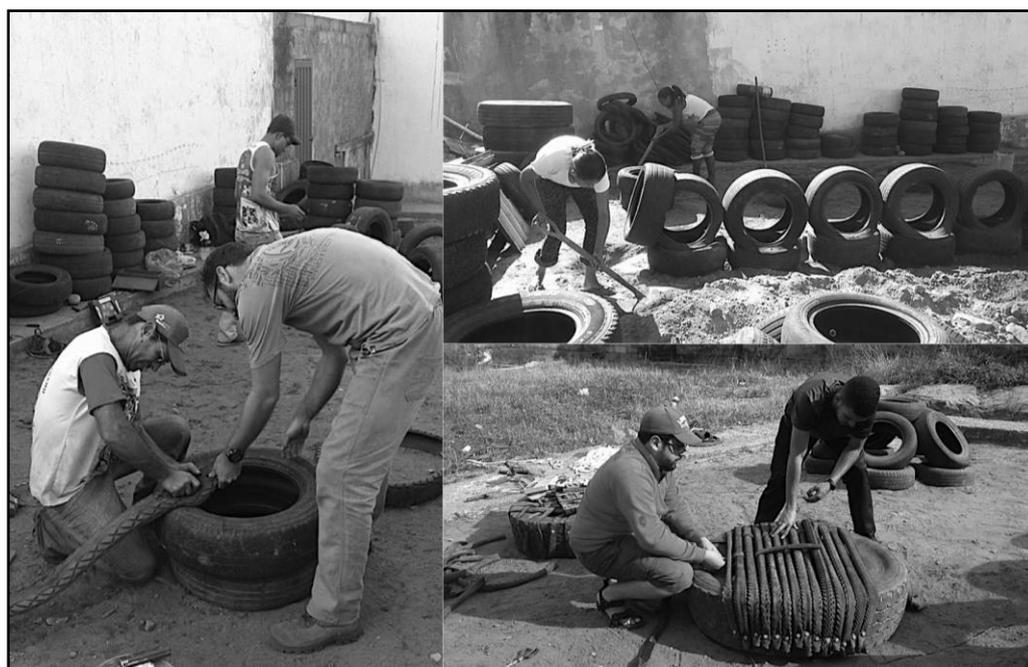
As figuras abaixo apresentam espaços da escola antes do desenvolvimento do projeto, o processo de construção e o parque de pneus finalizado.

Figura 1 – Espaço disponível para a construção do parque de pneu



Fonte: As autoras (2018).

Figura 2 – Processo de construção do parque de pneu



Fonte: As autoras (2018).

Figura 3 – Parque de pneu construído



Fonte: As autoras (2019).

Assim que a construção foi finalizada, iniciou-se a utilização do parque de forma periódica pelos alunos. A partir de uma escala elaborada pela direção da escola, todas as turmas (maternal I ao 2^a período) começaram a frequentar o parque com atividades livres e dirigidas.

Para exemplificar tal utilização, citamos o estudo de Silva *et al.* (2019) que teve como objetivo analisar a presença de elementos gímnicos nas brincadeiras infantis realizadas no parque construído. Por meio de uma observação sistemática, as autoras registraram os movimentos realizados de forma espontânea (brincadeira livre) por uma turma de alunos de maternal III (32 crianças com idade compreendida entre três e quatro anos) durante 10 sessões de utilização do parque, com aproximadamente 30 minutos de duração. Os resultados demonstraram que as crianças realizam movimentos variados, abarcando praticamente todos aqueles estudados e selecionados para planejar a construção das estruturas. Também foi possível identificar diversificação na forma de realizar os movimentos (diferentes planos, eixos, posições dos membros etc.), fato que indica que o parque estimula a criatividade das crianças, favorecendo a ludicidade e o prazer em brincar.

Considerações finais

A proposta do projeto em análise procurou sustentar os pilares da extensão universitária que preconizam a perspectiva popular e não assistencialista, como orienta a literatura. A partir de um problema real vivenciado pela comunidade escolar e acadêmica que atua nesse segmento, desenvolveu-se uma intervenção na realidade por meio do diálogo e da interação entre os saberes popular e científico.

Vários desafios permearam o processo de construção do parque infantil que utilizou materiais alternativos (desde a concepção do projeto até a construção efetiva das estruturas). Dentre eles, destacamos a dificuldade de envolvimento dos responsáveis pelos alunos nas ações presenciais (reunião das comissões e participação no momento de construção do parque).

Entretanto, é preciso salientar o comprometimento coletivo da comunidade escolar para arrecadação dos recursos e a participação de voluntários na fase de construção do parque, os quais faziam parte de grupos que não estavam diretamente ligados à escola. Esses fatores foram essenciais para a concretização da finalização da edificação do parque, atendendo ao principal objetivo proposto no projeto de extensão.

Embora esse relato de experiência tenha como objetivo principal descrever a construção do parque infantil, vale ressaltar também as atividades paralelas desenvolvidas desde o início do projeto e que tiveram continuidade até o final do ano de 2019, tais como: formação continuada para as professoras e educadoras da escola por meio de oficinas de Ginástica ministradas pelo GEPG (2018); oficinas de temas diversos a partir da demanda apresentada pelo corpo docente (comportamento infantil, educação para crianças com deficiência, o brincar na EI, dança na EI, orientações curriculares para a EI, etc.), ministradas por convidados da UFVJM (2019); desenvolvimento de atividades corporais semanais por monitores estudantes da UFVJM (2019); desenvolvimento de pesquisas pautadas nas experiências vivenciadas durante o projeto (resumos em congressos, trabalhos de conclusão de curso) (2018; 2019).

Além de possibilitarem a divulgação científica e a ampliação do conhecimento dos membros da UFVJM por meio da intervenção na realidade, tais ações buscaram promover a autonomia da escola para continuar com as atividades corporais com os alunos quando o projeto for finalizado, uma vez que a instituição não possui professor efetivo de EF.

Diante do exposto, acreditamos que o projeto de extensão “Pipocando na educação infantil: possibilidades lúdicas das atividades gímnicas” foi importante para despertar o

sentimento de pertencimento coletivo e corresponsabilidade com a escola pública, além de oportunizar aos alunos o estímulo corporal por meio do “se-movimentar”. Dessa forma, foram atendidos tanto os objetivos que tangem a formação na área da EF, quanto àqueles que apontam para desenvolvimento de atividades extensionistas de forma dialógica, transformadora e emancipatória.

Referências

- ALMEIDA, L. P. A extensão universitária no Brasil processos de aprendizagem a partir da experiência e do sentido. **DIRE**, Limoges, n. 7, p. 56-67, 2015.
- AYOUB, E. A. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- AYOUB, E. Narrando experiências com a educação física na educação infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 143-158, maio 2005.
- BASEI, A. P. A educação física na educação infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madri, n. 47, v. 3, out. 2008. Doi: 10.35362/rie4732352.
- BENINCÁ, D.; CAMPOS, F. S. Extensão popular: uma proposta transformadora para a educação superior. **Dialogia**, São Paulo, n. 27, p. 145-156, set.-dez. 2017. Doi: 10.5585/dialogia.N27.7247.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 e dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.
- COSTA, A. R. *et al.* Ginástica na escola: por onde ela anda professor? **Conexões**, Campinas, v. 14, n. 4, p. 76-96, out.-dez. 2016. Doi: 10.20396/conex.v14i4.8648071.
- DALCIN, L.; AUGUSTIN, R. B. O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como paradigma de uma universidade socialmente referenciada. **Revista Elos: Diálogos em Extensão**, Viçosa, v. 5, n. 3, p. 38-49, dez. 2016. Doi: 10.21284/elo.v5i3.226.
- DARIDO, S. C.; SANCHEZ NETO, L. O contexto da educação física na escola. *In*: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (org.) **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- FÁTIMA, C. SILVA, F. G. D; LOPES, P. As contribuições vigotskianas para o ensino da ginástica na educação física infantil. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 6., 2012, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GADOTTI, M. **Extensão Universitária: para quê?** 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-universitaria-para-que>. Acesso em: 28 maio 2018.

- KUNZ, E. **Educação física ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.
- LEGUET, J. **As ações motoras em ginástica esportiva**. São Paulo: Manole, 1987.
- LOPES, P. *et al.* Ginástica para todos e literatura: realidade, possibilidades e criação. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. especial, p. 127-146, maio 2015. Doi: 10.20396/conex.v13iEsp..8637581.
- LOPES, P. Ginasticando: parceria e possibilidades da ginástica na escola. **Revista Elos: Diálogos em Extensão**, Viçosa, v. 4, n. 2, p. 38-42, dez. 2015. Doi: 10.21284/elo.v4i2.76.
- LOPES, P.; NOBRE, J. N. P.; NIQUINI, C. M. O conteúdo “ginástica” nos processos seletivos dos Institutos Federais de Minas Gerais. **Revista Thema**, Pelotas, v. 16, n. 3, p. 537-548, 2019. Doi: 10.15536/thema.V16.2019.537-548.1502.
- LOPES, P.; PIRES, P. Confeção de aparelhos alternativos para ginástica rítmica: a experiência na disciplina Ginástica I do curso de Educação Física da UFVJM. *In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL*, 6., 2012, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.
- MACEDO, L. F. D.; GOMES, N. S.; LOPES, P. Confeção de equipamentos alternativos para ginástica artística: uma possibilidade real. *In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL*, 6., 2012, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.
- MARCASSA, L. Metodologia do ensino da ginástica: novos olhares, novas perspectivas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 171-186, jul.-dez. 2004. Doi: 10.5216/rpp.v7i2.94.
- NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Corpo em movimento na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2012a.
- NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012b.
- NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte para a saúde nos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012c.
- NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte para a vida no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012d.
- OLIVEIRA, M. T.; LOPES, P.; NOBRE, J. N. P. Ginástica na educação infantil: uma análise das publicações do Fórum Internacional de Ginástica Para Todos. **Conexões**, Campinas, v. 17, p. 1-19, 2019. Doi: 10.20396/conex.v17i0.8653360.
- PIZANI, J.; RINALDI, I. P. B. Cotidiano escolar: a presença de elementos gímnicos nas brincadeiras infantis. **Rev. da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 115-126, 2010. Doi: 10.4025/reveducfis.v21i1.7732.
- RUSSEL, K. **Gymnastics foundations**. Canada: Ruschkin Publishing, 2010.
- SANTOS, B. S. Do conhecimento universitário ao conhecimento pluriversitário. *In: SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. (org.). A universidade no século XXI: para uma universidade nova*. Coimbra: Almedina, 2008.

SANTOS, T. T. S. *et al.* A Ginástica Para Todos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Conexões**, Campinas, v. 16, n. 4, p. 450-467, out.-dez. 2018. Doi: 10.20396/conex.v16i4.8653973.

SERON, T. D. *et al.* A ginástica na educação física escolar e o ensino aberto. **Rev. da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 115-125, 2007.

SILVA, A. F. *et al.* Movimentos gímnicos nas brincadeiras infantis: cotidiano de um parque escolar. *In: ENCONTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFVJM*, 11., 2019, Diamantina. **Anais [...]**. Diamantina: Editora UFVJM, 2019.

SOARES, D. B.; PRODÓCIMO, E.; DEMARCO, A. O diálogo na educação infantil: o movimento, a interdisciplinaridade e a educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1.195-1.208, out.-dez. 2016. Doi: 10.22456/1982-8918.57571.

SOUZA, E. **Ginástica geral**: uma área do conhecimento da educação física. 1997. 163 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

SURDI, A. C.; MELO, J. P.; KUNZ, E. O brincar e o se-movimentar nas aulas de educação física infantil: realidades e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 459-470, abr.-jun. 2016. Doi: 10.22456/1982-8918.58076.

TONIETTO, M. R., GARANHANI, M. C. A cultura infantil e a relação com os saberes da educação física na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 517-528, abr.-jun. 2017. Doi: 10.22456/1982-8918.66236.

TREBELS, A. Uma concepção dialógica e uma teoria para o movimento humano. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 49-267, jan.-jun. 2003.

VIEIRA, R. M.; ALTMANN, H. O brincar na educação infantil: aspectos de uma educação do corpo e de gênero. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 143-155, jan.-mar. 2016. Doi: 10.5216/rpp.v19i1.39027.

Submetido em 20 de novembro de 2019.

Aprovado em 25 de fevereiro de 2020.